

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

SINTOMAS DO AGORA

03 RASTROS DO PASSADO

Marcelo Collaço Paulo

05 SINAIS DO TEMPO PRESENTE

Francine Goudel

11 OBRAS

64 EQUIPE TÉCNICA

RASTROS DO PASSADO

Marcelo Collaço Paulo

Uma coleção de arte se caracteriza por um conjunto de obras que guardam uma lógica, um comportamento ou uma idealização dos momentos vividos.

Desde o início da formalização da Coleção Collaço Paulo com caráter expositivo, havia interesse em contar uma história através do atravessamento das mensagens e dos tempos que as obras pudessem falar. Nossas exposições no Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação tem se caracterizado não somente por um grupo de trabalhos artísticos expostos de forma linear, mas sim um conjunto que possa ter uma narrativa. Quase como uma ópera visual apresentada em atos que procuram trazer reflexos de uma época que se repete no momento, mas que outrora já foram vividos por nossos artistas num mundo que gira, mas retorna, pelas suas mãos sensíveis.

Quando olhamos para o mundo de 1400, século 15, interpretados pela obra do artista atribuído a São Nicholas Master, vemos um Santo André que se apresenta estoico, com uma mensagem poderosa como protetor dos injustiçados, ao lado dos artistas brasileiros Silvana Mendes e Miguel Afa, que discutem a injustiça social que vivemos. Terras invadidas, tradições amordaçadas, tem seus temas imortalizados desde sempre, denunciados por nossos artistas que pedem abramos olhos.

Natureza destruída, artistas que se expressam pela preservação, Maria Martins (1894-1973), a mais importante escultora brasileira, através da sua gravura em metal *“Impossible”* mostra corpos em fricção, tensão e enfrentamento. Da metáfora de uma luta, ela baliza toda a exposição como seres que habitamos um mun-

do, onde estamos em constante combate, confronto com os outros e com nós mesmos. Fernando Lindote imortaliza a obra da Maria Martins, defendendo as nossas matas onde não há pessoas, somente sintomas visuais.

Ambições como projeta Helios Seelinger (1878-1965), guerras por Paulo Gaiad (1953-2016), decomposições da figura humana vistas por Sandro Chia.

Quão sensíveis são os artistas que mostram imagens, fixam nas suas obras o que queremos apagar na memória. Eles são nossos olhos e consciência, reflexos do sempre... Mas principalmente apontam para os “Sintomas do Agora”.

SINAIS DO TEMPO PRESENTE

Francine Goudel

O momento atual é atravessado por uma sensação difusa e insistente de urgência. Vivemos um tempo em que múltiplos temas se acumulam e se sobrepõem, apontando para estados de tensão que atravessam diferentes esferas da vida contemporânea: social, ambiental, econômica, cultural e subjetiva. As interrogações não oferecem respostas prontas para resolução, mas instauram sinais sobre como encarar o desenrolar do agora e de um possível futuro melhor.

Ao configurar um espaço sensível para essa percepção, “Sintomas do Agora” foi pensada como uma mostra para gerar reflexões sobre os temas atuais por meio das imagens e poéticas. O campo de imaginação reúne obras de diferentes artistas, produzidas entre os séculos 15 e 21, com distintas materialidades, todas pertencentes à Coleção Collaço Paulo. Os trabalhos, cada um à sua maneira, manifestam de forma sintomática traços visíveis e invisíveis de um mundo em constante transformação. Funcionam como rastros: indícios de ruídos, conflitos, fragilidades, deslocamentos, mas também de afetos e possibilidades de vislumbrar contornos para as questões.

Ao articular obras que provocam temas como biodiversidade, preservação, consumo, poder, cidadania, multiculturalismo e subjetividade, a mostra constrói uma leitura sistêmica do presente. Manifesta um estado complexo em desequilíbrio, em disputa, em colapso, mas também em reinvenção. Assim, a exposição se estabelece como um convite à escuta atenta do agora e à fabulação de imaginários possíveis para o que ainda pode vir a ser.

No percurso expositivo, as obras estão dispostas em núcleos que apresentam os dilemas a serem pensados, localizados nos temas dos segmentos. Por qualquer direção, o visitante pode itinerar, inventariando os sintomas do tempo presente e descobrindo a experiência de estar diante das imagens.

VER O QUE AINDA VIVE

A exposição se inicia com um gesto fundamental: aprender a ver. Em meio aos ruídos e às urgências do presente, o verde das matas, o azul das águas e o amarelo do sol persistem na paisagem, não como elementos passivos, mas como força viva elementar que resiste.

As obras reunidas neste núcleo deslocam o olhar da contemplação para o reconhecimento. Ver, aqui, não é apenas admirar a beleza do mundo natural, mas compreender os vínculos que conectam o humano ao que é vivo. Trata-se de perceber os ritmos próprios da natureza, do micro ao macro, de um tempo que não se alinha à lógica da aceleração, mas que é lento, profundo e essencial.

Na visualidade da natureza em sua força bruta, o núcleo apresenta obras de Maria Martins (1894-1973), Mária Lugossy (1950-2012), Fernando Lindote, Maurício Barbato, Alexander Davis Cooper (1820-1895), Guignard (1896-1962), João Baptista da Costa (1865-1926), Oswaldo Goeldi (1895-1961) e Miguel Penha.

Ao abrir o percurso expositivo com essa dimensão, a mostra sugere que toda reflexão sobre o presente passa, inevitavelmente, pela relação com o planeta. Entre ameaça e permanência, este espaço afirma: onde ainda há vida, há também a possibilidade de futuro. Resta, talvez, reaprender a olhar o mundo como quem cuida.

A INVENÇÃO DE SI

Se a entrada da exposição conduz ao mundo, este núcleo leva ao interior das experiências individuais. Neste espaço, o foco se desloca para aquilo que não se apresenta de imediato: as camadas da subjetividade, os processos de construção de si, as complexidades que atravessam o existir no tempo presente.

As obras de Amilcar de Castro (1920-2002), Cândido Portinari (1903-1962), Iberê Camargo (1914-1994), Sandro Chia, Siron Franco, Maria Leontina (1917-1984), Rubens Oestrom, Bertil Vallien, Bruno Giorgio (1905-1993) e Silvio Pléticos (1924-2020) operam por fragmentos, interrupções e indefinições. Compõem formas incompletas, linhas tênues, manchas coloridas, borrões, nas quais não há totalidade, mas ensaio. Sem identidade fixa, mas um campo em constante elaboração.

Em tempos marcados pela exposição incessante de *selfies* infladas, pelos espelhos que devolvem versões editadas, surgem novas possibilidades de existir. O que emerge é um sujeito em trânsito, atravessado por múltiplos modos de existência. A arte aqui não explica; ela sugere, reconhece nas ranhuras do presente a beleza de um eu que ainda se faz e escancara que ser é também inventar-se. Toda invenção de si carrega um gesto de coragem.

O FIO QUE UNE A TODOS

Do campo da subjetividade individual, o percurso se expande para aquilo

que conecta coletivamente: o tempo da vida e seus ciclos. Neste núcleo, as imagens evocam uma dimensão compartilhada da experiência humana, marcada por passagens, continuidades e transformações.

Nascimento e partida, infância e velhice, memória e porvir. A vida se organiza em ritmos que, apesar das mudanças históricas, ainda nos atravessam de forma comum. As obras indicam que há uma espécie de fio invisível que costura essas experiências, ligando diferentes gerações em uma trama contínua.

Obras de artistas como Fahrion (1898-1970), François Xavier Brizard (1879-1935), Fulvio Pennacchi (1905-1992), Gilvan Samico, Eli Heil (1929-2017), Erich Wessel (1906-1985), Eduardo Leon Garrido (1856-1949) e Abigail de Andrade (1864-1890) apresentam a criança como sonho, a sabedoria da velhice e a comunicação entre a esperança de futuro e o presente impetuoso.

As imagens sussurram que há um espaço sintomático entre o tempo de um próprio ser e também o tempo entre gerações. Um intervalo de linguagem que nem sempre é pos-

sível nomear. Reconhecer-se nessa trama é também perceber que somos, simultaneamente, herança e transformação, parte de algo que antecede o humano e que continuará a se desdobrar.

O PESO DAS ESTRUTURAS

Se até aqui o percurso se construiu entre natureza, subjetividade e tempo, esta sala introduz uma inflexão mais direta: o confronto com as estruturas que organizam, e muitas vezes oprimem, a existência do ser.

As obras de Anna Bella Geiger, Argemiro Cunha (1880-1940), Helios Seelinger (1878-1965), Marcelo Camara, Martinho de Haro (1907-1985), Newton Rezende (1912-1994), Paulo Gaiad (1953-2016), Tomie Ohtake (1913-2015) e uma tela da escola de Antuérpia (séc. 17) não apenas representam, mas tensionam e denunciam o peso das estruturas. Tornam visíveis as engrenagens do poder, os efeitos das guerras, as marcas deixadas por decisões que operam em escalas amplas, mas incidem de forma desigual sobre os corpos e os territórios.

Há, aqui, uma dimensão de enfrentamento. O que se revela não é apenas o funcionamento de sistemas que tendem à repetição, mas também a violência que sustenta essa continuidade. O mundo, como sugerem os trabalhos, se ergue sobre acordos frágeis, disputas silenciosas e estruturas que naturalizam desigualdades.

Nesse contexto, a arte atua como força de interrupção. Ao infiltrar-se nos interstícios dessas estruturas, ela desestabiliza narrativas, expõe rachaduras e convoca o olhar para aquilo que frequentemente se prefere não ver. O gesto que se impõe é urgente: lembrar, mesmo quando não há conforto possível, que o presente também é feito de conflito.

RESISTÊNCIA É O NOME

O percurso se encerra, ou se reabre, a partir daquilo que persiste apesar de tudo: a resistência. O núcleo revela as forças que se levantam contra todos os pesos estruturais.

Mapas rasgados, territórios invadidos, culturas cindidas: as marcas da violência histórica e contemporâ-

nea são profundas e ainda operantes. A desigualdade social, longe de ser um desvio, aparece como elemento constitutivo de sistemas que se mantêm por meio da exclusão e da hierarquização.

As obras aqui reunidas evidenciam essas dinâmicas, abordando questões como a expropriação de terras de povos originários, a imposição de modelos culturais hegemônicos e a atuação de instituições que historicamente contribuíram para a normalização dessas estruturas. Artefatos indígenas, junto a mapas históricos e a trabalhos de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), Miguel Afa, Pedro Luiz Corrêa do Araújo (1874-1955), Renata Leoa, Schwanke (1951-1992), Silvana Mendes, do Círculo do mestre Saint Nicholas (séc. 15) e uma pintura da escola de Praga (séc. 17), possibilitam essa leitura.

Este não é um espaço de esgotamento, mas de afirmação. Em meio às fissuras, emergem saberes, práticas e gestos que resistem: corpos que dançam, cores que vibram, culturas que se reinventam — aquilo que insiste, transforma e, sobretudo, continua. A diversidade cultural não é apenas o que restou, é o que triunfa.

O percurso de “Sintomas do Agora” propõe um campo aberto de reverberações. Por entre o ver, sentir, reconhecer, confrontar, refletir, imaginar, a exposição constrói uma experiência que atravessa e convoca um estado de mundo. Se algo se leva, ao visitar a mostra, talvez não seja uma síntese dos dilemas, mas a consciência de que habitar o agora exige sensibilidade, posicionamento e imaginação, condições essenciais para reconhecer, nos próprios sintomas, as possibilidades de transformação.



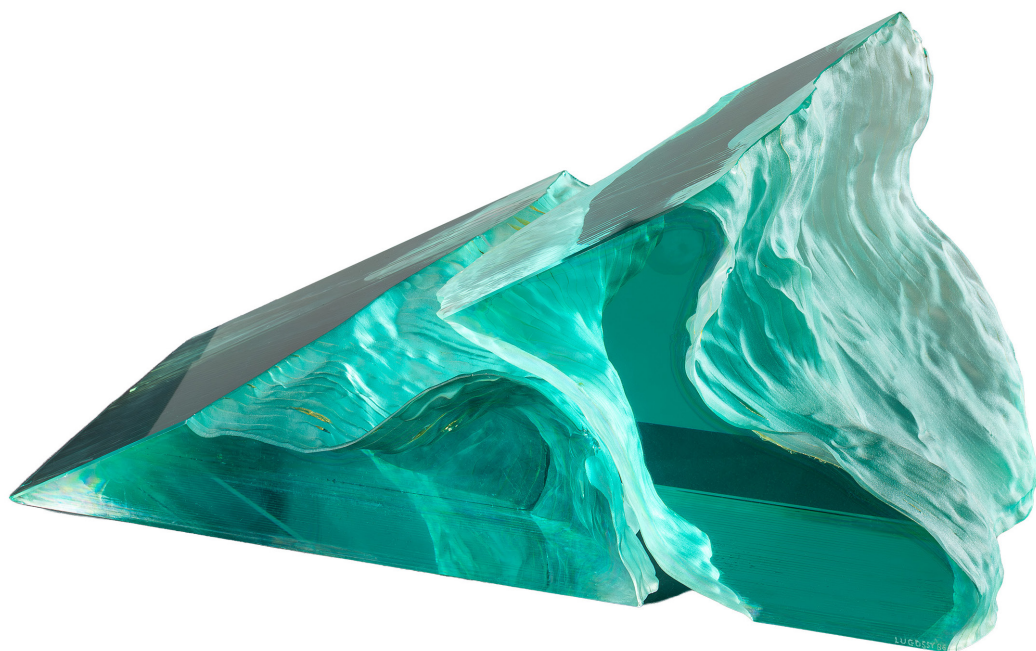
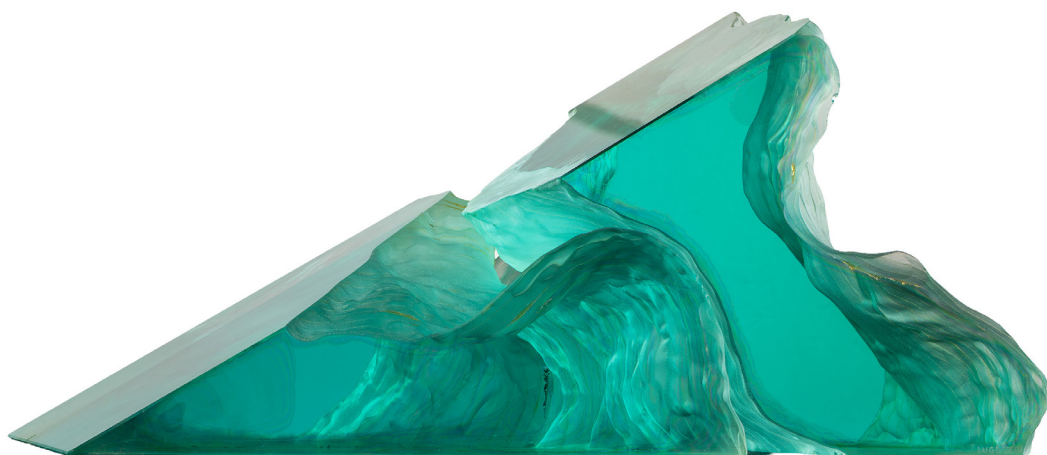
VER O QUE AINDA VIVE





Impossible, 1946

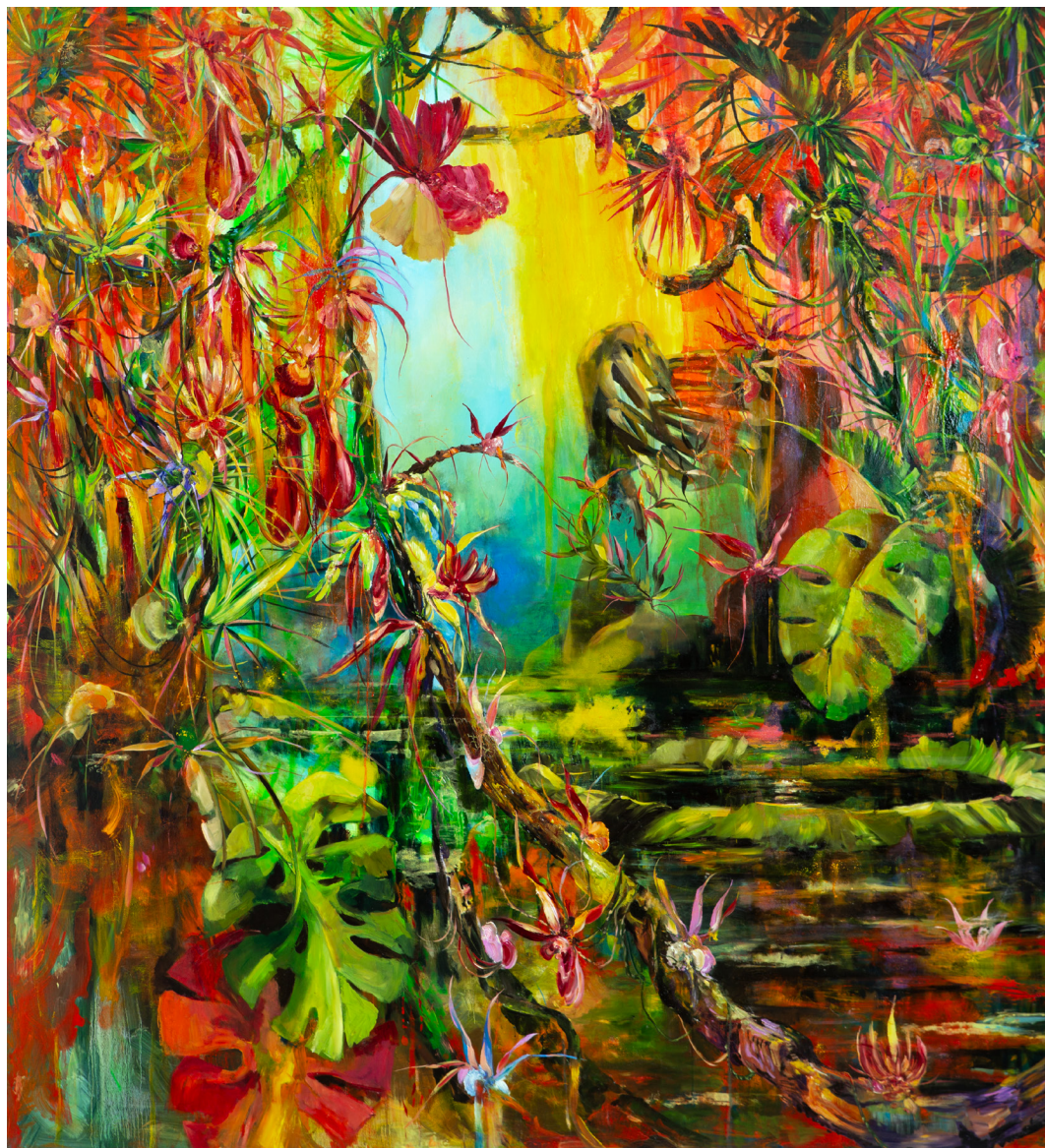
MARIA MARTINS. Campanha, MG, 1894 – Rio de Janeiro, RJ, 1973
Gravura em metal. 22 x 17 cm. Coleção Collaço Paulo



Iceberg, 1986

MÁRIA LUGOSSY. Budapeste, Hungria, 1950 – idem, 2012

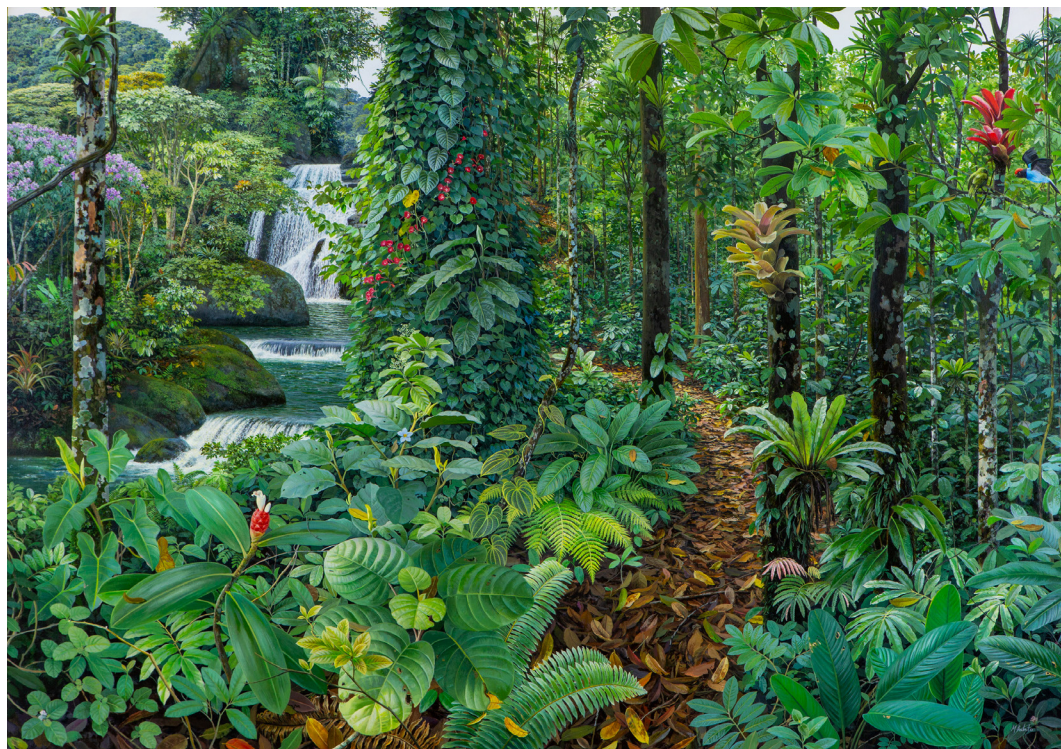
Cristal. 21 x 48 x 23 cm. (Vista frontal e lateral). Coleção Collaço Paulo



Aparição Nepenthes na Floresta do Impossível (Depoisantes de Maria), 2020

FERNANDO LINDOTE. Sant'Ana do Livramento, RS, 1960

Óleo sobre tela. 200 x 180 cm. Coleção Collaço Paulo



Tangará in Habitat, 2018

MAURÍCIO BARBATO. Rio de Janeiro, RJ, 1963

Óleo sobre tela. 120 x 171 cm. Coleção Collaço Paulo



Paisagem Mineira, s/d

GUIGNARD. Nova Friburgo, RJ, 1896 – Belo Horizonte, MG, 1962
Óleo sobre madeira. 23,3 x 31,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Estudo - Árvores: Dia Sem Sol, 1908

JOÃO BAPTISTA DA COSTA. Itaguaí, RJ , 1865 – Rio de Janeiro, RJ, 1926

Óleo sobre madeira. 27 x 21,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Samaúma, 2016

MIGUEL PENHA. Povos Chiquitano e Bororo, Cuiabá, MT, 1961
Óleo e alkyd sobre linho. 50 x 50 cm. Coleção Collaço Paulo



Lagoa, 1943

OSWALDO GOELDI. Rio de Janeiro, RJ, 1895 – idem, 1961

Xilogravura sobre papel de arroz. 29,5 x 22,5 cm. Coleção Collaço Paulo



[Praia de Dover, Reino Unido], 1874

ALEXANDER DAVIS COOPER. Londres, Inglaterra, 1820 – idem, 1895

Óleo sobre tela. 99 x 125 cm. Coleção Collaço Paulo

A INVENÇÃO DE SI

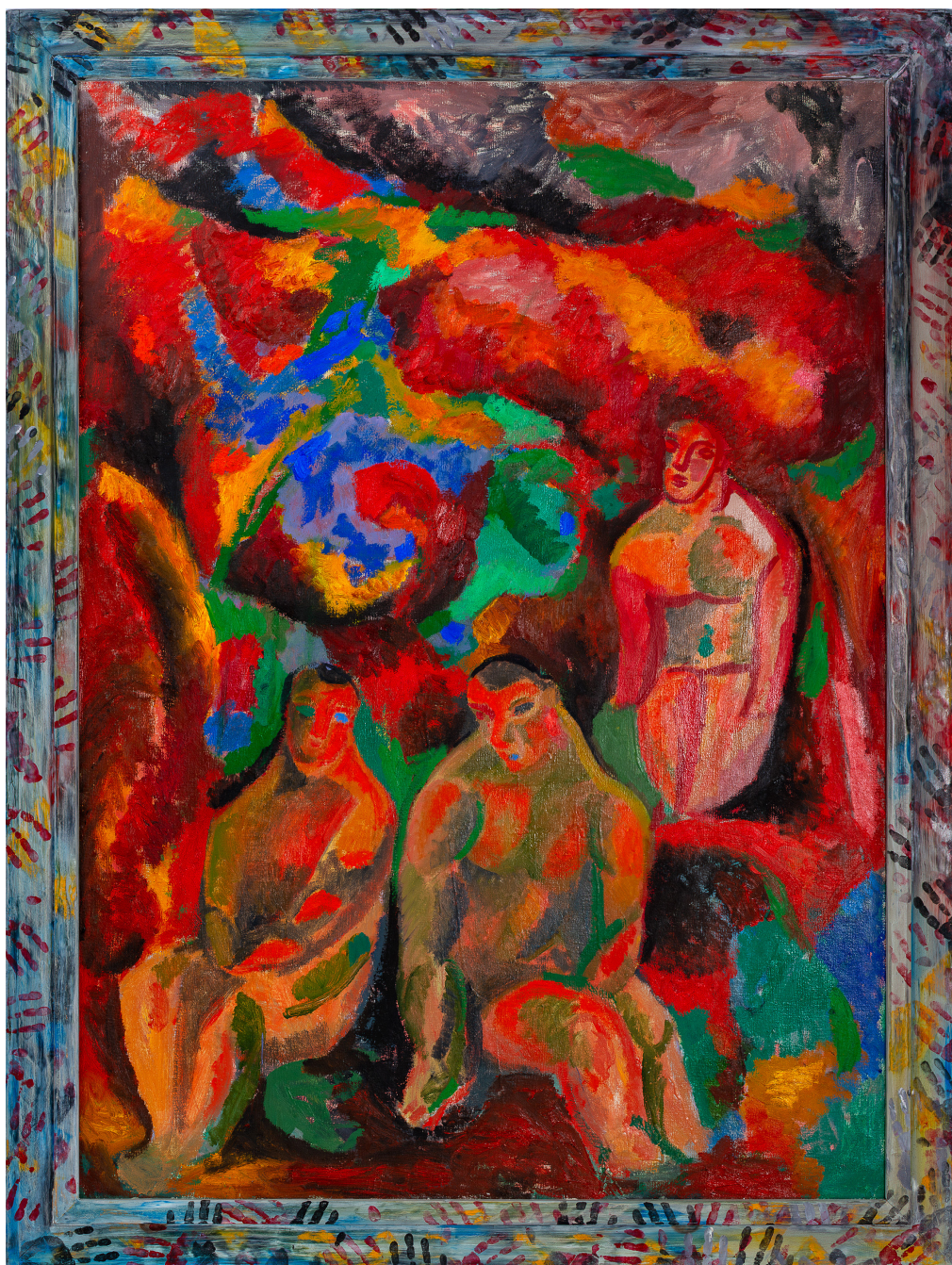




Mago, 1983

SIRON FRANCO. Goiás, GO, 1947

Acrílica sobre tela. 70,5 x 60 cm. Coleção Collaço Paulo



From Dusk Till Dawn (Do Crepúsculo ao Amanhecer), c.1986

SANDRO CHIA. Florença, Itália, 1946

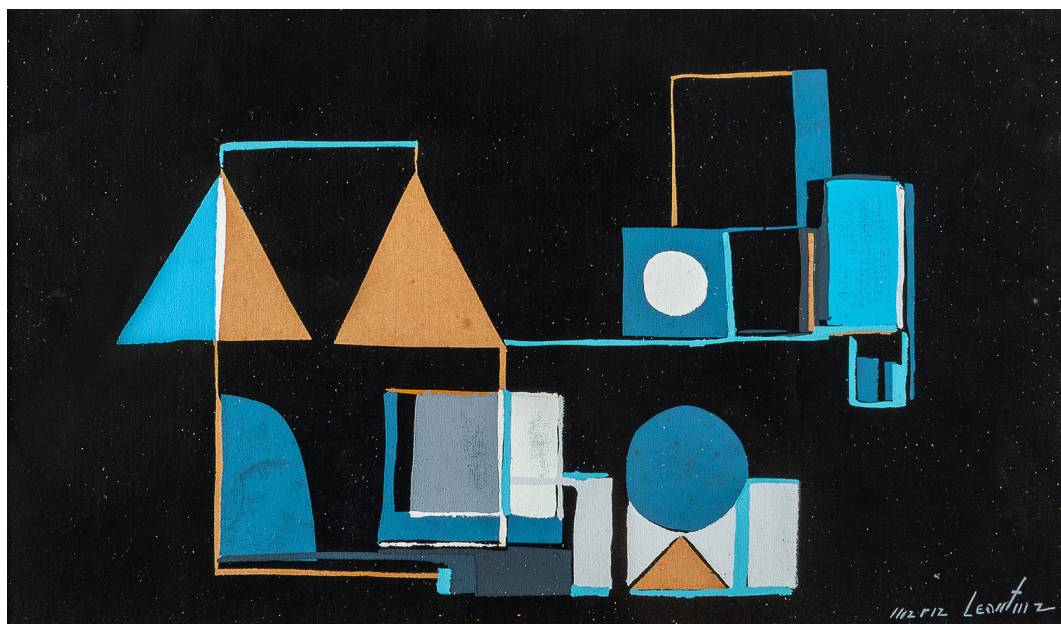
Óleo sobre tela. 192 x 139 cm. Coleção Collaço Paulo



Círculo, c.2000

AMILCAR DE CASTRO. Paraisópolis, SP, 1920 – Belo Horizonte, MG, 2002

Escultura em ferro. 50 x 40 x 1,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1950

MARIA LEONTINA. São Paulo, SP, 1917 – Rio de Janeiro, RJ, 1984
Guache sobre cartão. 13 x 23 cm. Coleção Collaço Paulo



T. semeando, 1984

RUBENS OESTROEM. Blumenau, SC, 1953

Acrílica sobre lona. 143,5 x 128,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Janus, 2011

BERTIL VALLIEN. Sollentuna, Suécia, 1938

Vidro fundido em areia, cobre e óxidos de cor. 18 x 7,5 x 14 cm. Coleção Collaço Paulo



Dom Quixote, 1947

CANDIDO PORTINARI. São Paulo, SP, 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 1962
Óleo sobre papel. 62 x 40,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1950

BRUNO GIORGIO. Rio de Janeiro, RJ, 1905 – idem, 1993

Escultura em bronze. 33,5 x 10 x 20 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c. 1970

IBERÊ CAMARGO. Restinga Seca, RS, 1914 – Porto Alegre, RS, 1994

Guache sobre papel. 51 x 73 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1973-74

SILVIO PLÉTICOS. Pula, Iugoslávia, 1924 – Florianópolis, SC, 2020

Técnica mista com esgrafito sobre eucatex. 121 x 61 cm. Coleção Collaço Paulo

O FIO QUE UNE A TODOS





Le Petit Frère, 1914

FRANÇOIS XAVIER BRICARD. Angers , França, 1879 – idem, 1935

Óleo sobre tela. 121 x 95,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1921

ERICH WESSEL. Hamburgo, Alemanha, 1906 – idem, 1985

Aquarela sobre papel. 22,5 x 15 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1973

FULVIO PENNACCHI. Villa Collemantina, Itália, 1905 – São Paulo, SP, 1992
Óleo e acrílica sobre eucatex. 30,6 x 21,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, séc. 19

EDUARDO LEON GARRIDO. Madrid, Espanha, 1856 – Caen, França, 1949
Óleo sobre madeira. 34,2 x 21,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Maternidade, c.1950-60

YOLANDA LEDERER MOHALYI. Napoca, Romênia, 1909 – São Paulo, SP, 1978

Técnica mista sobre papel. 62 x 48 cm. Coleção Collaço Paulo



Árvore da Vida, c.1960

ELI HEIL. Palhoça, SC, 1929 – Florianópolis, SC, 2017

Óleo sobre tela. 69,5 x 89,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1950

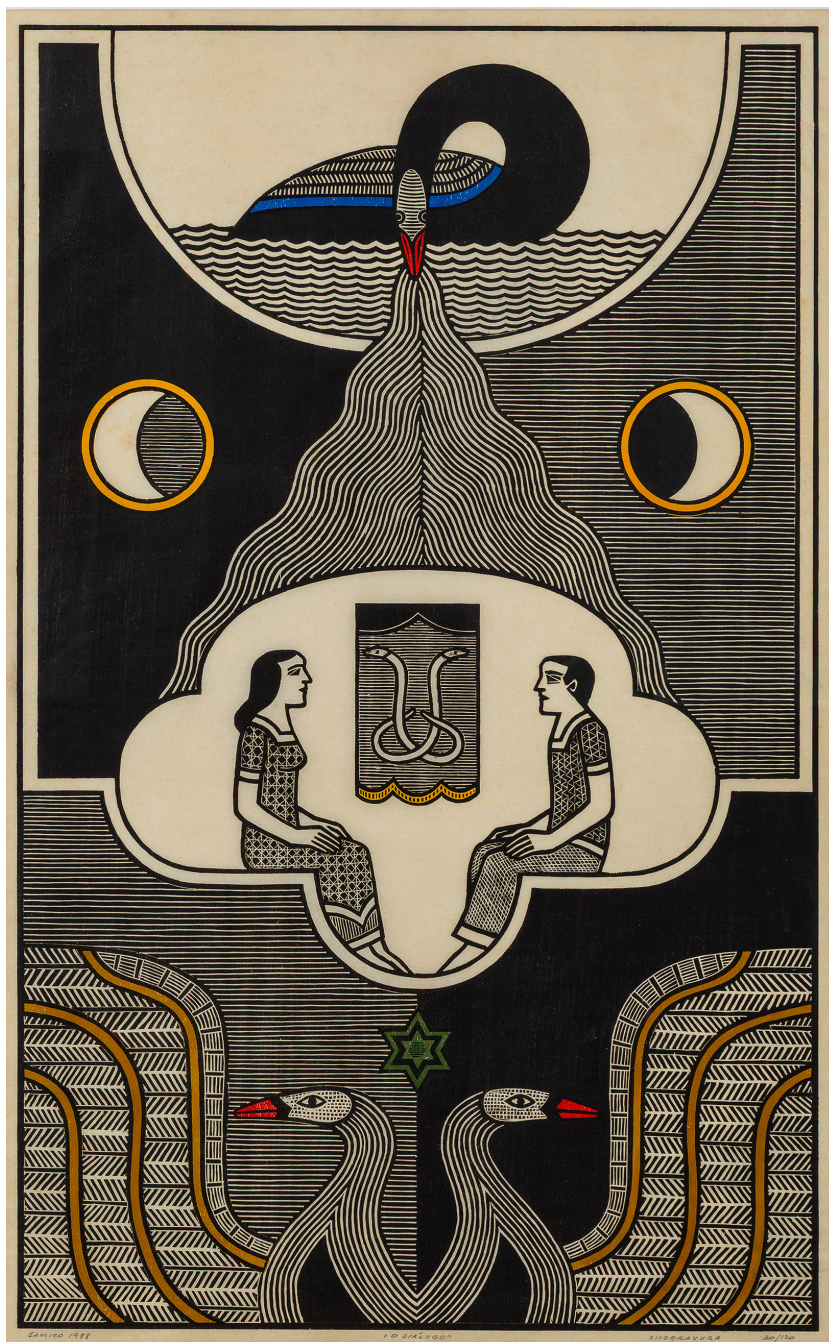
FAHRION. Porto Alegre, RS, 1898 – idem, 1970

Óleo sobre tela. 59 x 49,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1889

ABIGAIL DE ANDRADE. Vassouras, RJ, 1864 – Paris, França, 1890
Óleo sobre madeira. 61,5 x 50,5 cm. Coleção Collaço Paulo



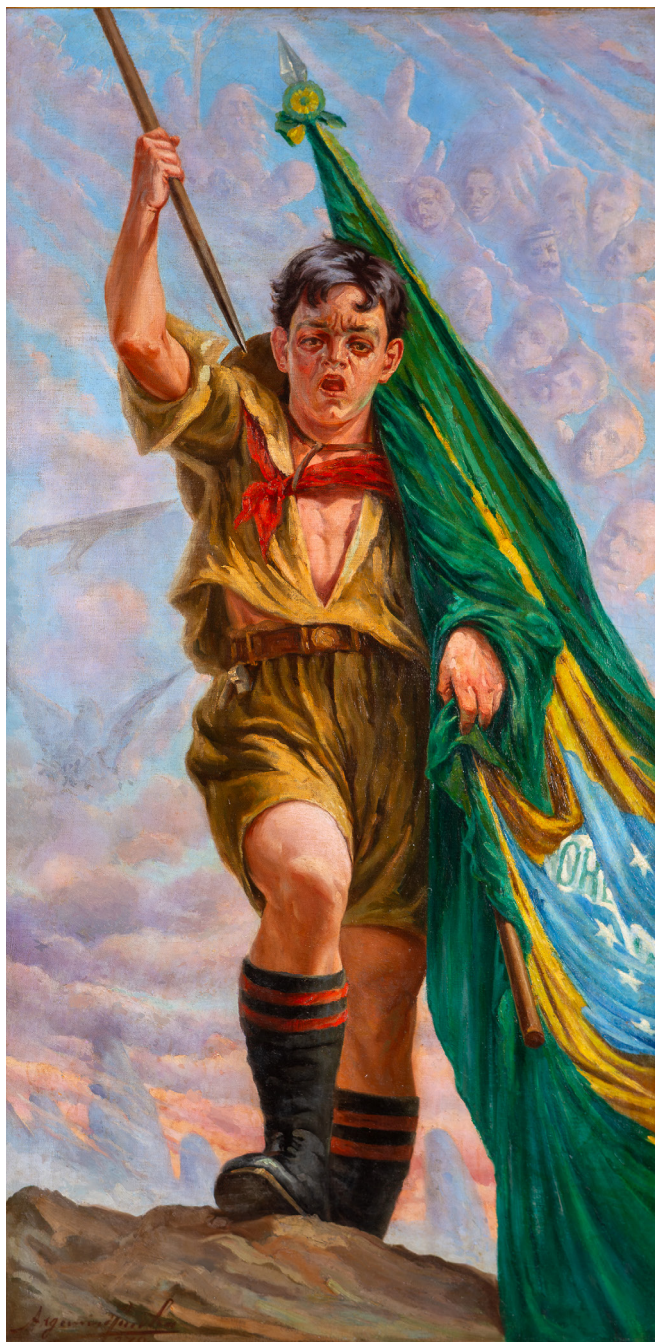
O Diálogo, 1988

GILVAN SAMICO. Recife, PE, 1928 – idem, 2013

Xilogravura. 93 x 61 cm. Coleção Collaço Paulo

O PESO DAS ESTRUTURAS





[Menino com a Bandeira], 1930

ARGEMIRO CUNHA. Ilha da Madeira, Portugal, 1880 – Rio de Janeiro, RJ, 1940
Óleo sobre tela. 199,5 x 99,5 cm. Coleção Collaço Paulo



BU-RO-CRA-CIA, 2015

ANNA BELLA GEIGER. Rio de Janeiro, RJ, 1933

Serigrafia. 65,5 x 80,5 cm. Coleção Collaço Paulo



[Meninos], 1980

NEWTON REZENDE. São Paulo, SP, 1912 – Rio de Janeiro, RJ, 1994
Óleo sobre eucatex. 40 x 29,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1990

TOMIE OHTAKE. Quioto, Japão , 1913 – São Paulo, SP, 2015
Óleo sobre tela. 151 x 151 cm. Coleção Collaço Paulo



Porta do Inferno, 2007

PAULO GAIAD. Piracicaba, SP, 1953 – Florianópolis, SC, 2016

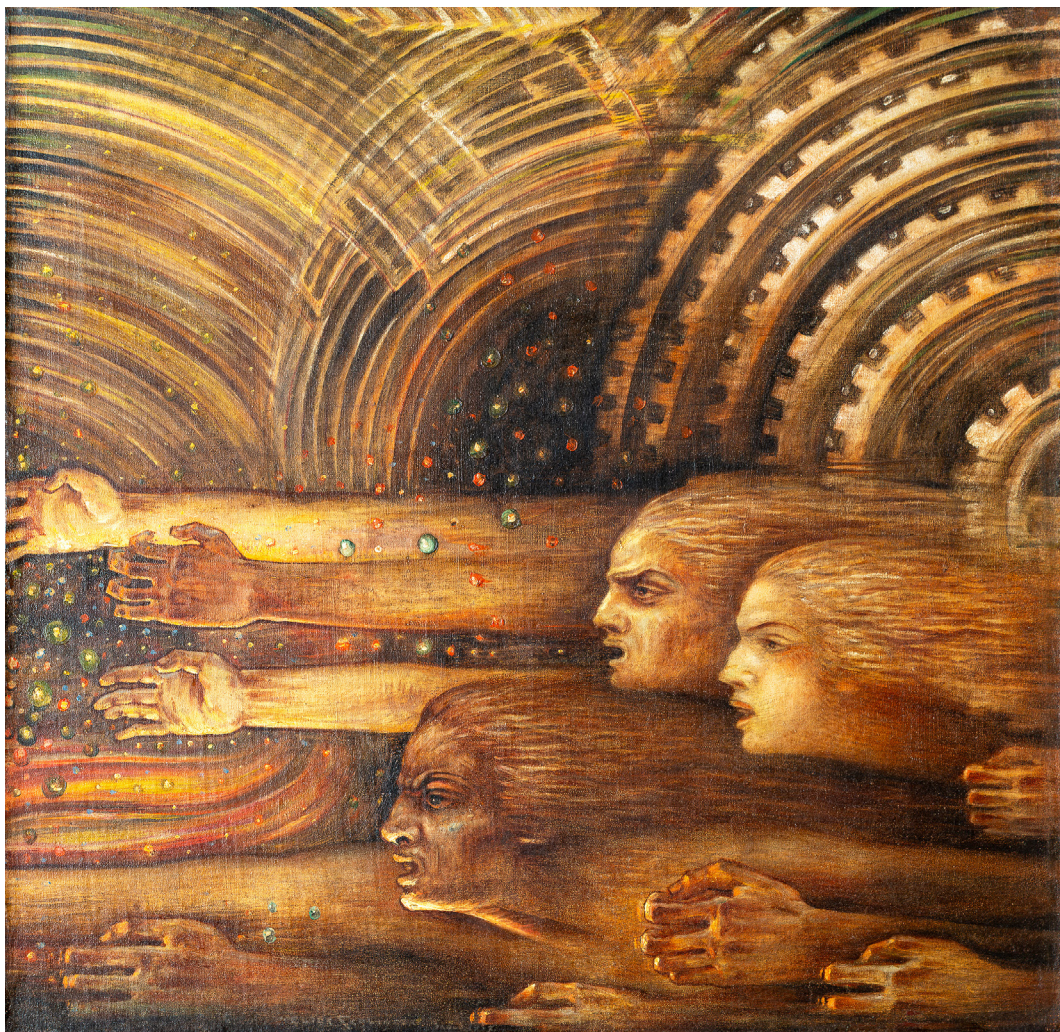
Técnica mista. 200 x 140 cm. Coleção Collaço Paulo



[Apocalypse], c.1970

MARTINHO DE HARO. São Joaquim, SC, 1907 – Florianópolis, SC, 1985

Óleo sobre compensado. 17,6 x 29,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Ambição, 1937

HELIOS SEELINGER. Rio de Janeiro, RJ, 1878 – idem, 1965

Óleo sobre tela. 69,3 x 71,3 cm. Coleção Collaço Paulo



São Sebastião, 2023

MARCELO CAMARA. Brasília, DF, 1989

Óleo sobre lona. 210 x 168 cm. Coleção Collaço Paulo



[O Sátiro e a Família do Agricultor], séc. 17-18

Após **JACOB JORDAENS**. (1593-1678) – Escola da Antuérpia-Bélgica
Óleo sobre madeira. 97 x 149 cm. Coleção Collaço Paulo

RESISTÊNCIA É O NOME





Família de um chefe Canmacan se Preparando para uma Festa, c. 1834-39

JEAN-BAPTISTE DEBRET. Paris, França, 1768 – idem, 1848

Litografia aquarelada sobre papel. 25,2 x 36,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Geografia di Claudio Tolomeo Alessandrino

Veneza, 1574

Coleção Collaço Paulo



Geografia cioe` Descrittione Universale della terra

Pádua- 1621

Coleção Collaço Paulo



Artefatos indígenas Marajoaras

Brasil, Período 400 a 1400

Cerâmica. Coleção Collaço Paulo

- 1- Tanga feminina
- 2- Fragmento de vasilhame
- 3- Alguidar
- 4- Vasilhame
- 5- Fragmento antropomorfo
- 6- Estatueta antropomorfa
- 7 – Estatueta zoomorfa
- 8- Estatueta zoomorfa (cabeça de jacaré)
- 9- Estatueta zoomorfa (sapo)
- 10- Estatueta zoomorfa (pássaro)



Santo, 2022

MIGUEL AFA. Rio de Janeiro, RJ, 1987

Óleo sobre tela. 200 x 200 cm. Coleção Collaço Paulo



Santo André, séc. 15

CÍRCULO DO MESTRE SAINT NICHOLAS. Burgos, Espanha

Óleo sobre madeira. 97 x 63,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Jongo, c. 1930

PEDRO LUIZ CORREA DE ARAÚJO. Paris, França, 1874 – Rio de Janeiro, RJ, 1955
Óleo sobre tela. 119 x 141,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Da série *Linguarudos*, 1985

SCHWANKE. Joinville, SC, 1951 – idem, 1992

Acrílica sobre papel. 65,3 x 108 cm. Coleção Collaço Paulo



Da série *Afetocolagens*, 2019

SILVANA MENDES. São Luís, MA, 1991

Fotocolagem. 167 x 138 cm. Coleção Collaço Paulo



Fim de Banquete, 2023

RENATA LEOA. Rio de Janeiro, RJ, 1997

Acrílica sobre tela. 125 x 95 cm. Coleção Collaço Paulo



[Musa do Olimpo], séc. 17

ESCOLA DE PRAGA – REPÚBLICA TCHECA

Óleo sobre tela. 110 x 82 cm. Coleção Collaço Paulo

SINTOMAS DO AGORA

De 15 de maio
a 14 de novembro de 2025

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Arte educador

Marcello Carpes

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de Miranda Costa

O CATÁLOGO

Coordenação editorial

Francine Goudel

Néri Pedroso

Textos

Marcelo Collaço Paulo

Francine Goudel

Projeto gráfico

Lorena Galeri

Shayda Cazaubon

Edição de imagem

Francisco Warmling

Fotografia

Eduardo Marques

A EXPOSIÇÃO

Acervo

Coleção Collaço Paulo

Curadoria, expografia, produção executiva e textos

Francine Goudel

Assessoria de imprensa, revisão e edição de textos

Néri Pedroso

Material e ações educativas

Joana Amarante

Marcello Carpes

Coordenação de acervo e montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Conservação e restauração do acervo

Sára Fermiano

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Apoio de montagem

Adriano Lessa

Joana Amarante

Marcello Carpes

Identidade visual

Lorena Galeri

Gestão de mídias sociais

Natália Régis

Fotografia da coleção

Eduardo Marques

Captação de recurso e produção administrativa

Harmônica Arte e

Entretenimento

Realização

Instituto Collaço Paulo

– Centro de Arte e

Educação

Apoio

Sesi

Apoio Cultural

Corporate Park, Ibagy e

Paradigma Cine Arte

Patrocínio

Lei Municipal de

Incentivo à Cultura,

Fundação Cultural de

Florianópolis Franklin

Cascaes e Prefeitura de

Florianópolis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sintomas do Agora [livro eletrônico]
[coordenação editorial Francine Goudel, Néri Pedroso] --
Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2026.
(Catálogo de exposição do Instituto Collaço Paulo)
PDF

Vários Colaboradores.
Acervo Coleção Collaço Paulo.
ISBN 978-65-979404-2-4

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
I. Goudel, Francine. II, Pedroso, Néri. III. Série.

26-372255.0

CDD-730

índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Organização

Francine Goudel

Néri Pedroso

Realização
**INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO**
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

Apoio
SESI
PELO FUTURO DO TRABALHO

Apoio cultural
CORPORATE PARK
CENTRO EMPRESARIAL

IBAGY
Sempre o lugar certo.

paradigma
CINEARTE

Patrocínio



**PREFEITURA DE
FLORIANÓPOLIS**
CULTURA, ESPORTE E LAZER

Projeto patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Florianópolis, 2026